



O Boletim Trimestral do Consumo de Eletricidade, em conjunto com a Resenha Mensal do Mercado de Energia Elétrica, amplia a disseminação de informação sobre os principais movimentos do mercado de eletricidade no País. Nesta edição, o comportamento nas classes de consumo comercial, industrial e residencial, de abril a junho de 2022, é analisado no contexto da conjuntura econômica e da dinâmica do mercado de eletricidade no Brasil e em suas regiões.

## OS PRINCIPAIS DESTAQUES DESTE TRIMESTRE



### CONTEXTO

O consumo de eletricidade registrou aumento de 1,7% no 2º trimestre.



### COMERCIAL

O consumo de eletricidade teve alta de 9,9% no 2º trimestre



### INDUSTRIAL

Consumo industrial de eletricidade avança 0,7% no 2º trimestre de 2022



### RESIDENCIAL

O consumo das residências volta a cair no 2º trimestre



## CONTEXTO ECONÔMICO

O consumo de eletricidade registrou aumento de 1,7% no 2º trimestre

No segundo trimestre de 2022, o consumo de eletricidade registrou aumento de 1,7%, na comparação com o mesmo período de 2021. Destaca-se nesse resultado a expansão de 9,9% do consumo da classe comercial. A classe industrial apresentou alta de 0,7% no consumo e a classe residencial registrou queda de 0,7% no mesmo período.

No mesmo período, o PIB apresentou uma taxa de crescimento mais expressiva (+3,2%) do que o consumo de eletricidade considerando a mesma base de comparação. Pela ótica da demanda, o destaque foi o consumo das famílias, que cresceu 5,3%, influenciado pela antecipação do calendário de pagamento do décimo terceiro salário para aposentados e pensionistas, pelo crescimento do crédito à pessoa física e pelo aumento da massa salarial real. Já pela ótica da oferta, destacaram-se o setor de serviços que apresentou crescimento de 4,5% e a agropecuária, que caiu 2,5%, por conta dos resultados das culturas de soja e arroz, que apresentaram quedas de produtividade e na estimativa de suas produções anuais.

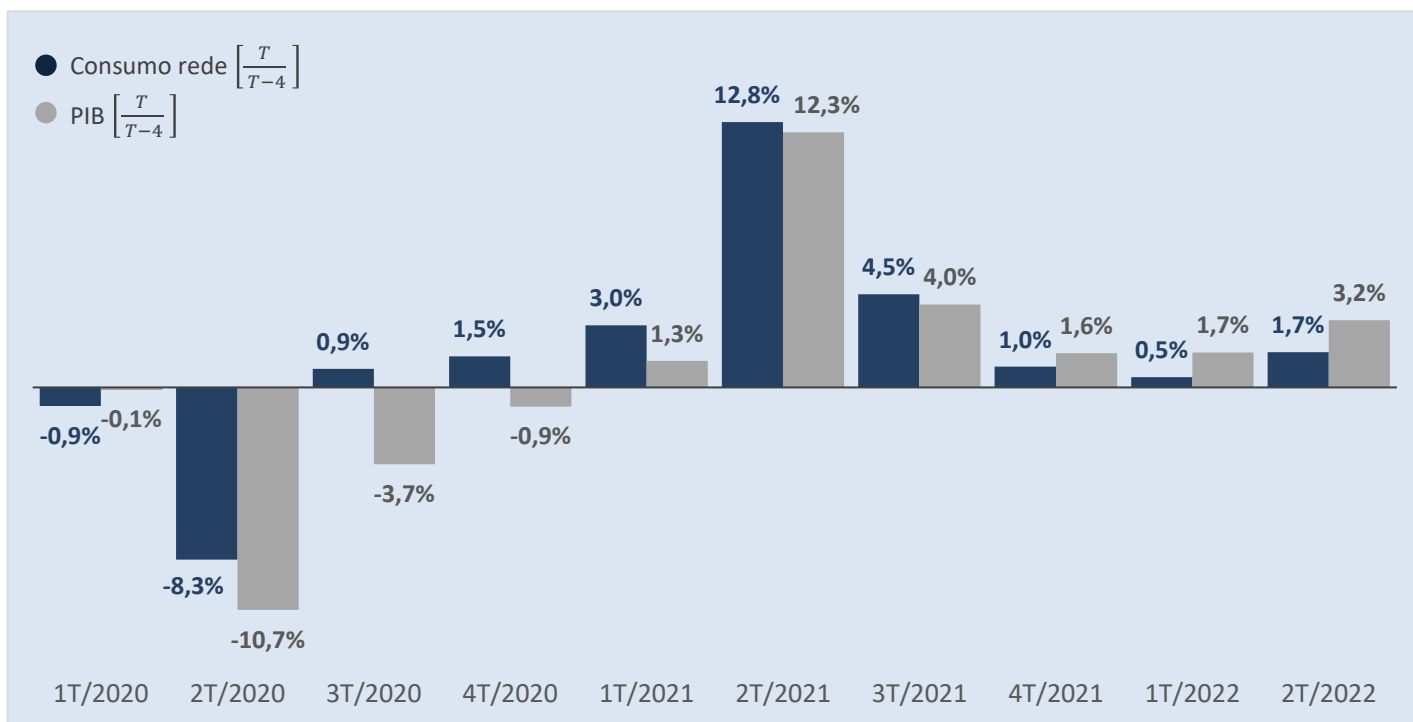
No que diz respeito às classes, o consumo residencial caiu 0,7% no 2º trimestre deste ano, apresentando estabilidade quando considerado o primeiro semestre de 2022. Tal comportamento parece estar relacionado à normalização das atividades presenciais, levando a uma redução do tempo de permanência das famílias em suas residências e, consequentemente, a um menor consumo de eletricidade. Além disso, temperaturas mais amenas podem ter contribuído para o resultado desta classe.

Com relação à classe industrial, após registrar queda no primeiro trimestre do ano, o consumo tornou a aumentar no segundo trimestre, com alta de 0,7%. Esse resultado veio em linha com o crescimento de 1,9% no valor adicionado (IBGE) da indústria no trimestre, puxado por resultados positivos da produção e distribuição de água, gás e eletricidade (11%), pela construção (9,9%) e pela transformação (0,5%). Por outro lado, a extrativa registrou mais um trimestre de retração (-4%). Os dados mensais da atividade física industrial (PIM-PF/IBGE) apontam que, após 9 meses de queda, a transformação apresentou expansão de 1,6% em maio e 0,1% em junho. No entanto, 15 dos 25 ramos ainda apresentavam retração no segundo trimestre, na comparação com o mesmo trimestre de 2021, incluindo a fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-9,7%), de têxteis (-7,6%), de produtos da metalurgia (-6,0%) e produtos de minerais não metálicos (-5,2%). Cabe mencionar que houve alta na produção de celulose, papel e produtos de papel (3,8%) e em outros produtos químicos (1,9%).

A classe comercial anotou alta de 9,9% no consumo do segundo trimestre, na comparação com o mesmo trimestre de 2021, a quinta taxa positiva consecutiva. No mesmo período, o setor de serviços registrou alta de 4,5% no valor adicionado (IBGE), puxado pela expansão em outros serviços (14%), em serviços de transporte armazenagem e correios (12%) e informação e comunicação (4,6%). Já o valor adicionado de comércio apresentou alta de 1,3%, uma recuperação após retrain nos dois trimestres anteriores.

No entanto, quando analisados os dados mensais do volume de vendas no comércio varejista (PMC/IBGE), nota-se que os meses de maio e junho apresentaram quedas no indicador restrito (-0,2% e -0,3%, respectivamente) e no ampliado (-0,7% e -3,1%, respectivamente). Com relação ao volume de serviços, os dados mensais (PMS/IBGE) seguem apresentando forte crescimento em todos os meses do trimestre, puxado pelo desempenho dos serviços de alojamento e alimentação (45%), transportes aéreos (41%), outros serviços prestados às famílias (28%), transporte terrestre (20%) e serviços de Tecnologia da Informação (15%).

**Figura 1 | Brasil: Consumo na rede vs. PIB**



Fonte: IBGE (dados do PIB), EPE (dados de consumo na rede)



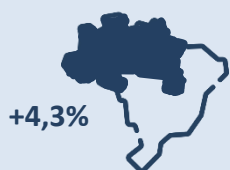
## CLASSE COMERCIAL E DE SERVIÇOS

O consumo de eletricidade teve alta de 9,9% no 2º trimestre

No segundo trimestre de 2022, o consumo de energia elétrica da classe comercial foi de 22,98 TWh, aumento de 9,9% em comparação ao mesmo trimestre de 2021. A taxa acelerou em relação ao trimestre anterior e foi a maior desde o segundo trimestre de 2021. No Brasil, o aumento da cobertura vacinal e a redução no número de casos e mortes por COVID-19 contribuíram para a recuperação econômica do País frente à crise imposta pela pandemia. Foi no segundo trimestre de 2022 que o País decretou o fim da emergência sanitária por COVID-19. A melhora do cenário epidemiológico favoreceu o avanço do setor de serviços, que contribuiu para a alta do consumo de energia elétrica no trimestre.

A expansão do consumo de eletricidade da classe comercial no segundo trimestre desse ano foi puxada pelo bom desempenho do setor de serviços. De acordo, com a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS, IBGE) o setor de serviços cresceu 8,2% no período abril-junho de 2022. O setor de serviços prestados às famílias; profissionais, administrativos e complementares; transportes e informação e comunicação foram os que mais influenciaram no crescimento do consumo da classe. A base baixa de comparação também foi um fator que impactou na elevação do consumo, pois, no segundo trimestre de 2021, a pandemia teve seu período mais agudo no Brasil, com a adoção medidas restritivas à circulação de pessoas para frear o avanço do vírus no território nacional.

Todas as regiões do País registraram taxas positivas de consumo de energia elétrica no segundo trimestre e primeiro semestre de 2022. Os principais movimentos em termos de consumo foram:



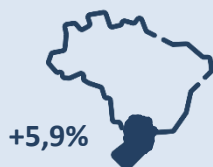
O Norte (+4,3%) apresentou crescimento do consumo no segundo trimestre do ano. Porém, foi a região que mais reduziu a taxa de consumo em relação ao primeiro trimestre de 2022. O consumo foi puxado pelos estados de Tocantins (+9,5%), Pará (7,3%) e Acre (+7,2%). Amazonas (-2,4%) amenizou o aumento do consumo da região.



O Nordeste (+7,5%) acelerou a taxa de crescimento do consumo em relação ao primeiro trimestre do ano. Porém, registrou a menor taxa no primeiro semestre: (+6,3%). Ceará (+10,1%), Alagoas (+9,8%) e Pernambuco (+8,4%) forma os que mais influenciaram na elevação do consumo da região.



O Sudeste (+12,7%) foi a que apresentou o maior crescimento do consumo de energia elétrica da classe no segundo trimestre, ao contrário do que ocorreu no primeiro trimestre, onde teve a menor expansão. Todos os estados do Sudeste tiveram taxas positivas de consumo e os maiores destaques foram Minas Gerais (+23,2%), Espírito Santo (+13,1%) e São Paulo (+13,0%).



No Sul (+5,9%), os estados da região tiveram taxas positivas de consumo: Santa Catarina (+7,6%), Paraná (6,6%) e Rio Grande do Sul (+3,4%). O consumo neste trimestre desacelerou em relação ao trimestre anterior. Porém, a taxa foi a maior no semestre (+9,6%).



O Centro-Oeste (+10,0%) teve a segunda maior taxa de expansão no consumo de energia elétrica da classe no trimestre. Goiás (+19,9%) e Mato Grosso (+9,7%) puxaram o bom desempenho da região, assim como ocorreu no trimestre anterior. O estado do Mato Grosso do Sul (-1,5%) foi o único que registrou queda do consumo.

**Figura 2 | Brasil:** Variação do consumo de eletricidade na classe comercial, sobre igual período do ano anterior

|                                                                                   |              | 1º Trimestre | 2º Trimestre | 1º Semestre |
|-----------------------------------------------------------------------------------|--------------|--------------|--------------|-------------|
|  | NORTE        | 13,2%        | 4,3%         | 8,5%        |
|  | NORDESTE     | 5,1%         | 7,5%         | 6,3%        |
|  | SUDESTE      | 1,0%         | 12,7%        | 6,4%        |
|  | SUL          | 13,0%        | 5,9%         | 9,6%        |
|  | CENTRO-OESTE | 8,0%         | 10,0%        | 9,0%        |
|                                                                                   | BRASIL       | 4,9%         | 9,9%         | 7,3%        |



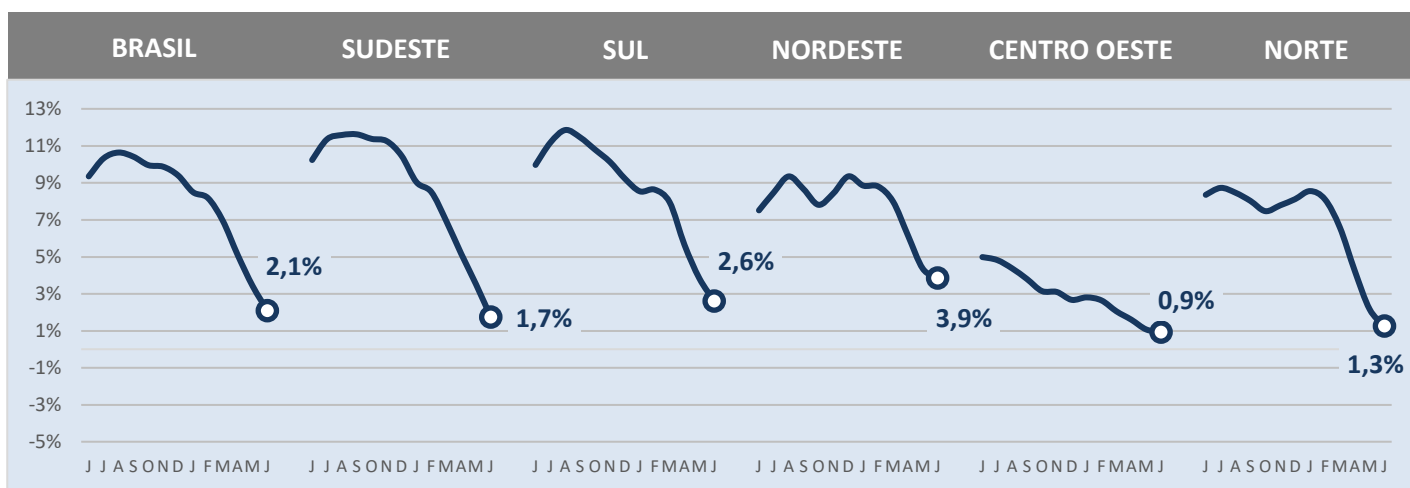
## CLASSE INDUSTRIAL

Consumo industrial de eletricidade avança 0,7% no 2º trimestre de 2022

O consumo nacional de energia elétrica das indústrias\* foi de 45,8 TWh neste segundo trimestre, avanço de 0,7% em comparação com mesmo período de 2021, voltando a expandir após a queda no primeiro trimestre.

A região Norte (-3,2%) foi a única com retração no consumo de eletricidade na indústria, enquanto Sul (+0,8%), Sudeste (+0,8%), Centro-Oeste (+1,6%) e Nordeste (+2,7%) consumiram mais. Entre os estados, Maranhão (+24,6%) foi o que mais elevou seu consumo no trimestre, alavancado pela retomada da produção no final de abril em um grande complexo de alumínio e alumina. Já o Pará (-5,0%), foi quem mais reduziu, sob forte influência do setor metalúrgico, que encolheu 6,5% no estado.

**Figura 3 | Brasil e Regiões:** Séries de taxas do acumulado de 12 meses do consumo industrial 2021-2022.



Quatro dos dez ramos mais eletrointensivos da indústria apresentaram retração no consumo de energia elétrica, em relação ao segundo trimestre de 2021. Cinco ramos tiveram expansão, enquanto um permaneceu em estabilidade de consumo. O ramo de papel e celulose liderou, registrando 5,9% de expansão no consumo trimestral de eletricidade, em comparação com igual período do ano anterior. A alta de 3,8% na produção de celulose, papel e produtos de papel (PIM-PF/IBGE) contribuiu para o consumo no ramo. Paradas de manutenção, programadas e não programadas, em grandes unidades autoprodutoras, nos estados do Paraná e São Paulo, elevaram o consumo de energia elétrica do Sistema Interligado Nacional (SIN), alavancando a taxa de expansão. O setor de papel e celulose puxou o consumo na região Sul, que sem esta contribuição registraria retração no consumo industrial, e no Sudeste, onde respondeu por um quarto do consumo industrial da região no trimestre.

O consumo de eletricidade para fabricação de produtos de borracha e material plástico anotou a segunda maior taxa, 5,3% de expansão no segundo trimestre. Fabricação de laminados planos e tubulares de material plástico e fabricação de embalagens de material plástico experimentaram crescimento da produção física no período (PIM-PF/IBGE). Porém, a produção de pneus também contribuiu para a expansão do consumo de eletricidade no ramo. O Sudeste respondeu por três quartos de toda a expansão do ramo no trimestre, enquanto o Nordeste, pelo quarto restante.

O ramo de produtos alimentícios, com alta de 3,9%, teve a terceira maior taxa trimestral. São Paulo respondeu por mais da metade da expansão, e o Sudeste foi a região que mais expandiu o consumo no ramo. Segundo a pesquisa PIM-PF/IBGE, os grupos com crescimento da produção física no período foram: abate e fabricação de produtos de carne; fabricação de conservas de frutas, legumes e outros vegetais; fabricação de óleos e gorduras vegetais e animais; preservação do pescado, fabricação de produtos do pescado e de outros produtos alimentícios.

As exportações também contribuíram. Segundo a Secex, dentre os bens com maiores aumentos de embarques estão: óleo de soja em bruto (53,7%); tortas e outros resíduos sólidos da extração do óleo de soja (21,9%) e carne bovina, desossada, congelada (20,2%).

Os ramos automotivo (-1,9%) e de produtos têxteis (-3,1%) lideraram o desempenho negativo no trimestre, com as maiores taxas de retração do consumo de energia elétrica entre os eletrointensivos. Em produtos têxteis, o consumo de eletricidade reflete a queda na produção física do ramo no período (-7,6%). Porém, no ramo automotivo, a produção de veículos cresceu 8,0% no mesmo período. Segundo a ANFAVEA, ainda existem muitos automóveis incompletos nos pátios das montadoras à espera de componentes eletrônicos. Esses veículos só entram na estatística de produção quando totalmente finalizados. O fluxo de produção nos últimos meses vem melhorando à medida que a indústria vem recebendo mais semicondutores que no ano passado. Este momento de transição entre a restrição de insumos e a melhoria no abastecimento, pode justificar o consumo de eletricidade não ter acompanhado a produção física do setor neste trimestre.

A metalurgia, maior consumidor de energia elétrica da indústria, encolheu em 0,7% seu consumo neste segundo trimestre. Na metalurgia dos metais não ferrosos, a queda no consumo desde fevereiro na maior unidade de alumínio primário do País, localizada no Pará, devido um incidente em uma de suas linhas de produção, foi praticamente anulada pelo aumento do consumo devido a entrada em operação, em março, de uma nova caldeira elétrica em outra grande fábrica no mesmo estado, e pela retomada gradual, a partir de abril, da produção em uma grande unidade no Maranhão após 5 anos parada. Já em siderurgia, o retorno gradual à operação em uma grande unidade no Paraná compensou, em parte, a parada de manutenção de outra grande fábrica em São Paulo.

**Figura 4 | Brasil: Consumo Industrial por setor**

# VARIAÇÃO TRIMESTRAL DO CONSUMO INDUSTRIAL DE ELETRICIDADE

10+ ELETROINTENSIVOS

PAPEL E CELULOSE

5,2%

+5,9%

BORRACHA E MATERIAL PLÁSTICO

5,7%

+5,3%

PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

13,3%

+3,9%

PRODUTOS METÁLICOS (EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS)

2,4%

+1,8%

MINERAIS NÃO-METÁLICOS

8,2%

+1,6%

10+ ELETROINTENSIVOS

EXTRAÇÃO DE MINERAIS METÁLICOS

7,0%

+0,2%

METALÚRGICO

24,4%

-0,7%

QUÍMICO

10,5%

-0,7%

AUTOMOTIVO

3,6%

-1,9%

TÊXTIL

3,5%

-3,1%

PAPEL E CELULOSE

5,2%

+5,9%

BORRACHA E MATERIAL PLÁSTICO

5,7%

+5,3%

PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

13,3%

+3,9%

PRODUTOS METÁLICOS (EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS)

2,4%

+1,8%

MINERAIS NÃO-METÁLICOS

8,2%

+1,6%

EXTRAÇÃO DE MINERAIS METÁLICOS

7,0%

+0,2%

METALÚRGICO

24,4%

-0,7%

QUÍMICO

10,5%

-0,7%

AUTOMOTIVO

3,6%

-1,9%

TÊXTIL

3,5%

-3,1%

PAPEL E CELULOSE

5,2%

+5,9%

BORRACHA E MATERIAL PLÁSTICO

5,7%

+5,3%

PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

13,3%

+3,9%

PRODUTOS METÁLICOS (EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS)

2,4%

+1,8%

MINERAIS NÃO-METÁLICOS

8,2%

+1,6%

EXTRAÇÃO DE MINERAIS METÁLICOS

7,0%

+0,2%

METALÚRGICO

24,4%

-0,7%

QUÍMICO

10,5%

-0,7%

AUTOMOTIVO

3,6%

-1,9%

TÊXTIL

3,5%

-3,1%

PAPEL E CELULOSE

5,2%

+5,9%

BORRACHA E MATERIAL PLÁSTICO

5,7%

+5,3%

PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

13,3%

+3,9%

PRODUTOS METÁLICOS (EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS)

2,4%

+1,8%

MINERAIS NÃO-METÁLICOS

8,2%

+1,6%

EXTRAÇÃO DE MINERAIS METÁLICOS

7,0%

+0,2%

METALÚRGICO

24,4%

-0,7%

QUÍMICO

10,5%

-0,7%

AUTOMOTIVO

3,6%

-1,9%

TÊXTIL

3,5%

-3,1%

PAPEL E CELULOSE

5,2%

+5,9%

BORRACHA E MATERIAL PLÁSTICO

5,7%

+5,3%

PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

13,3%

+3,9%

PRODUTOS METÁLICOS (EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS)

2,4%

+1,8%

MINERAIS NÃO-METÁLICOS

8,2%

+1,6%

EXTRAÇÃO DE MINERAIS METÁLICOS

7,0%

+0,2%

METALÚRGICO

24,4%

-0,7%

QUÍMICO

10,5%

-0,7%

AUTOMOTIVO

3,6%

-1,9%

TÊXTIL

3,5%

-3,1%

PAPEL E CELULOSE

5,2%

+5,9%

BORRACHA E MATERIAL PLÁSTICO

5,7%

+5,3%

PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

13,3%

+3,9%

PRODUTOS METÁLICOS (EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS)

2,4%

+1,8%

MINERAIS NÃO-METÁLICOS

8,2%

+1,6%

EXTRAÇÃO DE MINERAIS METÁLICOS

7,0%

+0,2%

METALÚRGICO

24,4%

-0,7%

QUÍMICO

10,5%

-0,7%

AUTOMOTIVO

3,6%

-1,9%

TÊXTIL

3,5%

-3,1%

PAPEL E CELULOSE

5,2%

+5,9%

BORRACHA E MATERIAL PLÁSTICO

5,7%

+5,3%

PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

13,3%

+3,9%

PRODUTOS METÁLICOS (EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS)

2,4%

+1,8%

MINERAIS NÃO-METÁLICOS

8,2%

+1,6%

EXTRAÇÃO DE MINERAIS METÁLICOS

7,0%

+0,2%

METALÚRGICO

24,4%

-0,7%

QUÍMICO

10,5%

-0,7%

AUTOMOTIVO

3,6%

-1,9%

TÊXTIL

3,5%

-3,1%

PAPEL E CELULOSE

5,2%

+5,9%

BORRACHA E MATERIAL PLÁSTICO

5,7%

+5,3%

PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

13,3%

+3,9%

PRODUTOS METÁLICOS (EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS)

2,4%

+1,8%

MINERAIS NÃO-METÁLICOS

8,2%

+1,6%

EXTRAÇÃO DE MINERAIS METÁLICOS

7,0%

+0,2%

METALÚRGICO

24,4%

-0,7%

QUÍMICO

10,5%

-0,7%

AUTOMOTIVO

3,6%

-1,9%

TÊXTIL

3,5%

-3,1%

PAPEL E CELULOSE

5,2%

+5,9%

BORRACHA E MATERIAL PLÁSTICO

5,7%

+5,3%

PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

13,3%

+3,9%

PRODUTOS METÁLICOS (EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS)

2,4%

+1,8%

MINERAIS NÃO-METÁLICOS

8,2%

+1,6%

EXTRAÇÃO DE MINERAIS METÁLICOS

7,0%

+0,2%

METALÚRGICO

24,4%

-0,7%

QUÍMICO

10,5%

-0,7%

AUTOMOTIVO

3,6%

-1,9%

TÊXTIL

3,5%

-3,1%

PAPEL E CELULOSE

5,2%

+5,9%

BORRACHA E MATERIAL PLÁSTICO

5,7%

+5,3%

PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

13,3%

+3,9%

PRODUTOS METÁLICOS (EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS)

2,4%

+1,8%

MINERAIS NÃO-METÁLICOS

8,2%

+1,6%

EXTRAÇÃO DE MINERAIS METÁLICOS

7,0%

+0,2%

METALÚRGICO

24,4%

-0,7%

QUÍMICO

10,5%

-0,7%

AUTOMOTIVO

3,6%

-1,9%

TÊXTIL

3,5%

-3,1%

PAPEL E CELULOSE

5,2%

+5,9%

BORRACHA E MATERIAL PLÁSTICO

5,7%

+5,3%

PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

13,3%

+3,9%

PRODUTOS METÁLICOS (EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS)

2,4%

+1,8%

MINERAIS NÃO-METÁLICOS

8,2%

+1,6%

EXTRAÇÃO DE MINERAIS METÁLICOS

7,0%

+0,2%

METALÚRGICO

24,4%

-0,7%

QUÍMICO

10,5%

-0,7%

AUTOMOTIVO

3,6%

-1,9%

TÊXTIL

3,5%

-3,1%

PAPEL E CELULOSE

5,2%

+5,9%

BORRACHA E MATERIAL PLÁSTICO

5,7%

+5,3%

PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

13,3%

+3,9%

PRODUTOS METÁLICOS (EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS)

2,4%

+1,8%

MINERAIS NÃO-METÁLICOS

8,2%

+1,6%

EXTRAÇÃO DE MINERAIS METÁLICOS

7,0%

+0,2%

METALÚRGICO

24,4%

-0,7%

QUÍMICO

10,5%

-0,7%

AUTOMOTIVO

3,6%

-1,9%

TÊXTIL

3,5%

-3,1%

PAPEL E CELULOSE

5,2%

+5,9%

BORRACHA E MATERIAL PLÁSTICO

5,7%

+5,3%

PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

13,3%

+3,9%

PRODUTOS METÁLICOS (EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS)

2,4%

+1,8%

MINERAIS NÃO-METÁLICOS

8,2%

+1,6%

EXTRAÇÃO DE MINERAIS METÁLICOS

7,0%

+0,2%

METALÚRGICO

24,4%

-0,7%

QUÍMICO

10,5%

-0,7%

AUTOMOTIVO

3,6%

-1,9%

TÊXTIL

3,5%

-3,1%

PAPEL E CELULOSE

5,2%

+5,9%

BORRACHA E MATERIAL PLÁSTICO

5,7%

+5,3%

PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

13,3%

+3,9%

PRODUTOS METÁLICOS (EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS)

2,4%

+1,8%

MINERAIS NÃO-METÁLICOS

8,2%

+1,6%

EXTRAÇÃO DE MINERAIS METÁLICOS

7,0%

+0,2%

METALÚRGICO

24,4%

-0,7%

QUÍMICO

10,5%

-0,7%

AUTOMOTIVO

3,6%

-1,9%

TÊXTIL

3,5%

-3,1%

PAPEL E CELULOSE

5,2%

+5,9%

BORRACHA E MATERIAL PLÁSTICO

5,7%

+5,3%

PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

13,3%

+3,9%

PRODUTOS METÁLICOS (EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS)

2,4%

+1,8%

MINERAIS NÃO-METÁLICOS

8,2%

+1,6%

EXTRAÇÃO DE MINERAIS METÁLICOS

7,0%

+0,2%

METALÚRGICO

24,4%

-0,7%

QUÍMICO

10,5%

-0,7%

AUTOMOTIVO

3,6%

-1,9%

TÊXTIL

3,5%

-3,1%

PAPEL E CELULOSE

5,2%

+5,9%

BORRACHA E MATERIAL PLÁSTICO

5,7%

+5,3%

PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

13,3%

+3,9%

PRODUTOS METÁLICOS (EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS)

2,4%

+1,8%

MINERAIS NÃO-METÁLICOS

8,2%

+1,6%

EXTRAÇÃO DE MINERAIS METÁLICOS

7,0%

+0,2%

METALÚRGICO

24,4%

-0,7%

QUÍMICO

10,5%

-0,7%

AUTOMOTIVO

3,6%

-1,9%

TÊXTIL

3,5%

-3,1%

PAPEL E CELULOSE

5,2%

+5,9%

BORRACHA E MATERIAL PLÁSTICO

5,7%

+5,3%

PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

13,3%

+3,9%

PRODUTOS METÁLICOS (EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS)

2,4%

+1,8%

MINERAIS NÃO-METÁLICOS

8,2%

+1,6%

EXTRAÇÃO DE MINERAIS METÁLICOS

7,0%

+0,2%

METALÚRGICO

24,4%

-0,7%

QUÍMICO

10,5%

-0,7%

AUTOMOTIVO

3,6%

-1,9%

TÊXTIL

3,5%

-3,1%

PAPEL E CELULOSE

5,2%

+5,9%

BORRACHA E MATERIAL PLÁSTICO

5,7%

+5,3%

PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

13,3%

+3,9%

PRODUTOS METÁLICOS (EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS)

2,4%

+1,8%

MINERAIS NÃO-METÁLICOS

8,2%

+1,6%

EXTRAÇÃO DE MINERAIS METÁLICOS

7,0%

+0,2%

METALÚRGICO

24,4%

-0,7%

QUÍMICO

10,5%

-0,7%

AUTOMOTIVO

3,6%

-1,9%

TÊXTIL

3,5%

-3,1%

PAPEL E CELULOSE

5,2%

+5,9%

BORRACHA E MATERIAL PLÁSTICO

5,7%

+5,3%

PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

13,3%

+3,9%

PRODUTOS METÁLICOS (EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS)

2,4%

+1,8%

MINERAIS NÃO-METÁLICOS

8,2%

+1,6%

EXTRAÇÃO DE MINERAIS METÁLICOS

7,0%

+0,2%

METALÚRGICO

24,4%

-0,7%

QUÍMICO

10,5%

-0,7%

AUTOMOTIVO

3,6%

-1,9%

TÊXTIL

3,5%

-3,1%

PAPEL E CELULOSE

5,2%

+5,9%

BORRACHA E MATERIAL PLÁSTICO

5,7%

+5,3%

PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

13,3%

+3,9%

PRODUTOS METÁLICOS (EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS)

2,4%

+1,8%

MINERAIS NÃO-METÁLICOS

8,2%

+1,6%

EXTRAÇÃO DE MINERAIS METÁLICOS

7,0%

+0,2%

METALÚRGICO

24,4%

-0,7%

QUÍMICO

10,5%

-0,7%

AUTOMOTIVO

3,6%

-1,9%

TÊXTIL

3,5%

-3,1%

PAPEL E CELULOSE

5,2%

+5,9%

BORRACHA E MATERIAL PLÁSTICO

5,7%

+5,3%

PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

13,3%

+3,9%

PRODUTOS METÁLICOS (EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS)

2,4%

+1,8%

MINERAIS NÃO-METÁLICOS

8,2%

+1,6%



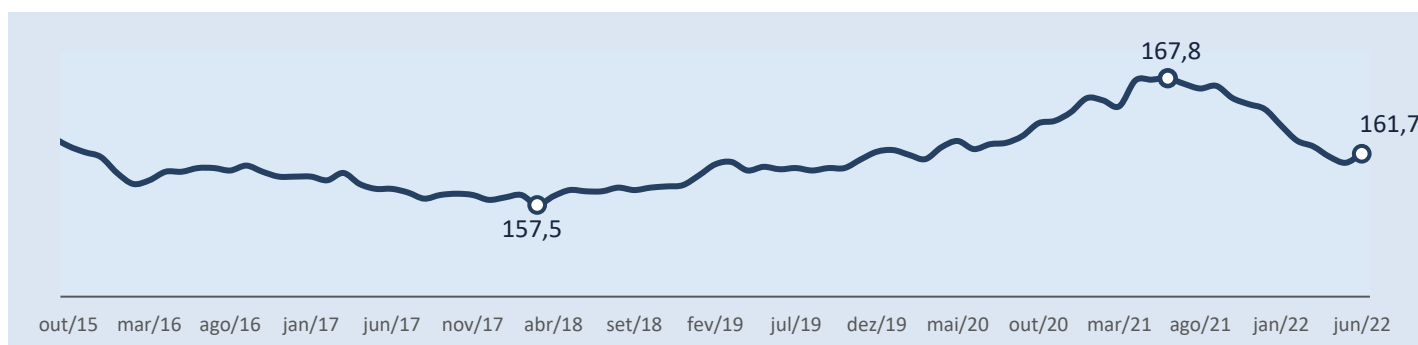
## CLASSE RESIDENCIAL

O consumo das residências volta a cair no 2º trimestre

O consumo de energia elétrica nas residências no País foi de 37,1 GWh no segundo trimestre de 2022, queda de 0,7% em comparação ao mesmo trimestre de 2021. No primeiro semestre desse ano, a taxa de consumo da classe se manteve estável: 0,0%. Desde o terceiro trimestre de 2021, a taxa de consumo da classe residencial tem desacelerado em relação aos trimestres anteriores. A classe residencial apresentou a segunda retração do consumo desde o início da pandemia da COVID-19 no Brasil.

Diversos fatores explicam o movimento de encolhimento do consumo das residências. A base alta de comparação contribui para o resultado negativo da classe, pois, no mesmo trimestre de 2021, o País passava por um dos períodos mais críticos da pandemia da COVID-19. Já no segundo trimestre de 2022, não havia mais restrição à circulação de pessoas pela melhora da pandemia no País, diminuindo o tempo de permanência das pessoas nas residências. Temperaturas mais amenas e um maior volume de chuvas no segundo trimestre de 2022, em relação ao mesmo período de 2021, também favoreceram a queda do consumo de energia elétrica da classe, já que, em 2021, o País enfrentava a pior seca dos últimos 90 anos. O consumo residencial médio teve retração de 3,7% em comparação ao segundo trimestre de 2021, chegando ao valor de 161,7 kWh/mês.

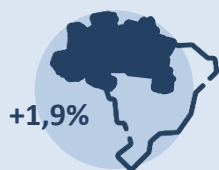
**Figura 5 | Brasil:** Consumo residencial médio (kWh/mês)



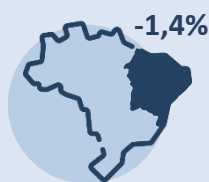
**Figura 6 | Brasil:** Variação do consumo de eletricidade sobre igual período do ano anterior

|                                                                                                         | 1º Trimestre | 2º Trimestre | 1º Semestre |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------|--------------|-------------|
|  <b>NORTE</b>        | 6,6%         | 1,9%         | 4,2%        |
|  <b>NORDESTE</b>     | -0,6%        | -1,4%        | -1,0%       |
|  <b>SUDESTE</b>      | -2,2%        | -0,5%        | -1,4%       |
|  <b>SUL</b>          | 7,5%         | -1,1%        | 3,4%        |
|  <b>CENTRO-OESTE</b> | 1,4%         | -1,2%        | 0,1%        |
| <b>BRASIL</b>                                                                                           | 0,6%         | -0,7%        | 0,0%        |

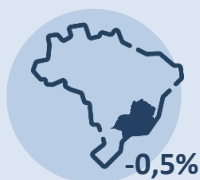
No segundo trimestre de 2022, a região Norte foi a única que registrou taxa positiva de consumo da classe, todas as outras apresentaram queda. Os principais movimentos em termos de consumo foram:



No Norte (+1,9%), apesar da taxa positiva, o consumo residencial desacelerou na passagem para o segundo trimestre. No primeiro semestre, a região teve a maior taxa de consumo de eletricidade. Rondônia (4,4%) e Pará (+3,4%) foram os maiores destaques do consumo na região. As temperaturas mais elevadas nestes Estados influenciaram no crescimento do consumo. No Pará, um programa de combate às perdas aplicado pela concessionária colaborou para o crescimento do consumo do Estado.



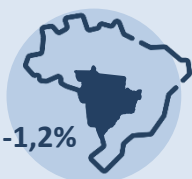
O Nordeste (-1,4%) foi a região que teve o maior encolhimento do consumo no segundo trimestre de 2022. A retração foi puxada pelos Estados do Ceará (-6,3%) e Rio Grande do Norte (-5,2%). Acumulados de chuva acima da média na costa leste destes estados favoreceram a queda do consumo. Maranhão (+10,1%) e Alagoas (+1,7%) foram os únicos que apresentaram crescimento do consumo da região, reflexo em grande parte de um programa de redução de perdas aplicado pela distribuidora dos estados. Além disso, no Maranhão, o crescimento do consumo recebeu contribuição do aumento da base de consumidores residenciais pela reclassificação de clientes pela distribuidora local.



No Sudeste (-0,5%), a redução do consumo no trimestre foi puxada pelo Rio de Janeiro (-3,1%) e São Paulo (-0,9%), resultado em grande parte de temperaturas mais baixas. Um volume de chuvas maior do que se verificou no mesmo período de 2021. Enquanto, Minas Gerais (+3,2%) e Espírito Santo (+1,9%) tiveram aumento na taxa no mesmo período. A região reduziu a queda em relação ao primeiro trimestre do ano.



Na região Sul (-1,1%), temperaturas mais baixas e um maior volume de chuvas em relação ao segundo trimestre de 2022 contribuíram para a queda do consumo. Rio Grande do Sul (-3,0%) e Paraná (-1,5%) favoreceram na diminuição do consumo da região. Apesar da queda, a taxa no primeiro semestre do ano continua positiva.



O Centro-Oeste (-1,2%), reverteu o aumento do consumo apresentado no primeiro trimestre. Porém, a taxa semestral ficou estável em comparação ao primeiro semestre de 2021. O clima menos seco na região, em comparação ao mesmo trimestre do ano anterior, impactou no resultado. Mato Grosso do Sul (-9,3%) e Distrito Federal (-3,6%) contribuíram para o encolhimento do consumo na região.

#### Coordenação Geral

Giovani Vitória Machado

#### Coordenação Executiva

Carla C. Lopes Achão

#### Coordenação Técnica

Arnaldo dos Santos Junior

Glaucio Vinicius Ramalho Faria

#### Equipe Técnica

Aline Moreira Gomes

Lena Santini Souza Menezes Loureiro

Lidiane de Almeida Modesto

Marcelo Henrique Cayres Loureiro

A EPE se exime de quaisquer responsabilidades sobre decisões ou deliberações tomadas com base no uso das informações contidas neste informe, assim como pelo uso indevido dessas informações.

Dúvidas podem ser endereçadas ao e-mail  
[copam@epe.gov.br](mailto:copam@epe.gov.br)



Para saber mais, acesse os seguintes dados na íntegra:

Resenha Mensal do Mercado de Eletricidade (<https://bit.ly/3e05DZu>)

Séries históricas de consumo mensal (<https://bit.ly/2LFHxqM>)